

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

**A DIRECIONALIDADE DOS PROCESSOS DE
FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR DERIVAÇÃO**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA PARA OBTEN
ÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
LETRAS (ÁREA DE CONCENTRA
ÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA
AO PORTUGUÊS)

ANA CLÁUDIA COLLAÇO

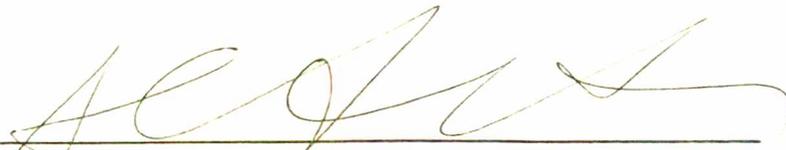
FLORIANÓPOLIS

1 9 9 2

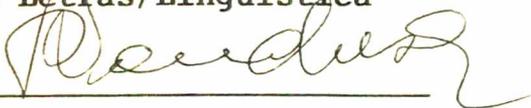
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de

MESTRE EM LETRAS / LINGÜÍSTICA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA AO PORTUGUÊS



Prof.ª Dra. Alexandra Y. Aikhenvald-Angenot
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação
em Letras/Lingüística



Prof. Dr. Paulino Vandresen
Orientador



Prof. Dr. Antônio José Sandmann
Orientador

Apresentada à Banca Examinadora:



Prof. Dr. Paulino Vandresen
Presidente



Prof. Dr. Antônio José Sandmann



Prof.ª Dra. Alexandra Y. Aikhenvald-Angenot

"... apesar do grande volume de pesquisas sobre formação de palavras desde que os antigos gramáticos descreveram o sânscrito, o estudo da formação de palavras ainda está em sua infância ...

(BAUER, 1983:293)

A meu pai, FLÁVIO

A minha mãe, VÂNIA.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Paulino Vandresen e ao Professor Dr. Antônio José Sandmann, pelas orientações prestadas e pelo incentivo constante.

Aos demais professores do curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, pelos conhecimentos transmitidos.

A Dona Elza Lemos, em nome dos demais servidores, pelo atendimento prestado junto à Secretaria do curso.

A Clarice, Eliane, Marta, Lorena e Rosangela, colegas do curso, pelo companheirismo e pela luta em comum.

A Martha Aléxia Ghizzo, pelo auxílio nas traduções.

A Universidade Federal de Santa Catarina e ao CNPq, pela oportunidade que me proporcionaram de aprofundar meus estudos de português.

A Flávio, meu pai, e a Vânia, minha mãe, pelo incondicional apoio e por compartilharem dos momentos de angústia e de felicidade durante a realização deste trabalho.

A Deus, por permitir que eu superasse todas as dificuldades e vencesse mais uma etapa da vida.

ABSTRACT

This study has as its aim a discussion of valid criteria for establishing the directionality of word formation processes in the Portuguese language, by derivation, based on contemporary Brazilian Portuguese.

In order to reach the proposed aims, the study, in the beginning, presents a presents a brief historical sketch of derivational morphology, takes great care with word definitions, deals with aspects related to word formation and determines the distinction between inflection and derivation.

The next stage focuses on the importance for establishing a criterion - synchronic or diachronic - for carrying out the research.

Derivation and possible directions of derivational processes -- obligatory direction, preferential direction and optional direction -- receive special attention in this study, considering the presentation of the most recent theoretical reflections on the subject.

The study of directionality of derivational processes involves the synchronic method of word analysis.

In the description and classification of complex words, phonological, morphological, syntactic and semantic aspects were considered.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir critérios válidos para estabelecer a direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação na língua portuguesa, com base no português brasileiro contemporâneo.

Para alcançar o objetivo a que se propõe, o trabalho oferece, inicialmente, breve notícia histórica sobre morfologia derivacional, cuida da definição de palavra, trata de aspectos relativos à formação de palavras e estabelece a distinção entre flexão e derivação.

Posteriormente, coloca-se a importância em se estabelecer um critério - sincrônico ou diacrônico - para a realização de pesquisa ou estudo.

A derivação e as direções possíveis dos processos derivacionais - direção obrigatória, direção preferencial e direção facultativa - recebem especial atenção neste trabalho, no tocante à apresentação das mais recentes reflexões teóricas sobre o assunto.

O estudo da direcionalidade dos processos derivacionais contempla o método sincrônico de análise das palavras.

Na descrição e classificação das palavras complexas, foram considerados os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 - Escolha do Tema	1
1.2 - Objetivo do Trabalho	2
1.3 - Metodologia	3
1.4 - Divisão do Trabalho	3
2. ASPECTOS PRELIMINARES	5
2.1 - Histórico da Morfologia Derivacional	5
2.2 - A Palavra	12
2.3 - Formação de Palavras	13
2.4 - Flexão e Derivação	16
3. DIACRONI E SINCRONIA	19
4. A DERIVAÇÃO E SUAS DIREÇÕES	27
4.1 - Derivação	27
4.1.1 - Derivação por Prefixação	28
4.1.2 - Derivação por Sufixação	29
4.1.3 - Derivação Regressiva	31
4.1.4 - Derivação Imprópria	37
4.1.5 - Derivação Pacassintética	39

4.2 - Direções da Derivação	40
4.2.1 - Direção Obrigatória	40
4.2.1.1 - Os Prefixos de Negação des- e in	53
4.2.1.2 - O Prefixo re-	56
4.2.1.3 - Os Sufixos -ção e mento	59
4.2.1.4 - Salto de Etapa	63
4.2.1.5 - Formação Analógica	65
4.2.2 - Direção Preferencial	66
4.2.3 - Direção Facultativa	70
5. CONCLUSÃO	73
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
JORNAIS E REVISTAS PESQUISADOS DESDE 1989	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AURÉLIO: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

FOLHA S.A.: Jornal Folha de São Paulo.

ISTO É: Revista Isto É Senhor.

VEJA: Revista Veja.

*: anteposto a uma palavra, significa que a mesma é agramatical ou inaceitável.

-: colocado diante ou depois de morfema significa que o mesmo não ocorre livremente na frase, isto é, é um morfema preso:
re-, -ção

#: colocado diante e depois de verbo, significa que o mesmo não ocorre na língua portuguesa sem afixo # **céber** # .

1. INTRODUÇÃO

1.1 - Escolha do Tema

O estudo da gramática tradicional normativa revelou que a direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação não recebe a abrangência e a profundidade exigidas pelo pensamento científico contemporâneo.

Além disso, constatou-se que a gramática tradicional normativa não considera recentes produções teóricas no campo da morfologia derivacional e da lingüística para a solução de questões concernentes à derivação.

Resolveu-se então destinar a dissertação exigida pelo curso de Mestrado em Lingüística, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, ao estudo do tema "a direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação", após se despertar para a necessidade de aprofundamento teórico da matéria.

O estudo também foi motivado por abordar o léxico, que desafia a todo instante o pesquisador por seu aspecto criativo e inovador.

A complexidade do tema estimulou a busca de mais uma contribuição para o conhecimento da língua portuguesa.

1.2 - Objetivo do Trabalho

O presente trabalho tem por objetivo discutir critérios válidos para estabelecer a direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação na língua portuguesa, com base no português brasileiro contemporâneo.

Busca-se sintetizar em cada tópico referente à abordagem dos processos de derivação as mais recentes análises sobre aspectos pertinentes a cada um deles, que precisam ser considerados e representam crítica capaz de permitir a evolução dos estudos sobre morfologia derivacional no campo da língua portuguesa.

Com isso, pretende-se oferecer aos interessados nos estudos morfológicos da língua portuguesa, especialmente na direcionalidade dos processos derivacionais de formação de palavras, as reflexões teóricas mais recentes sobre o assunto.

Por exemplo, em **impagável** qual será a direção:

in + pagável - derivação por prefixação ou

in + pagar + vel - derivação parassintética?

Confrontando-se com formações idênticas:

contável - **incontável**,

tocável - **intocável**,

fumável - **infumável**,

acabável - inacabável,

pela competência lingüística, pode-se afirmar que as formações com prefixo **in-** são mais freqüentes, o que leva a concluir que a derivação parassintética é a direção preferencial nesses casos.

1.3 - Metodologia

Por sua finalidade, a realização do trabalho exigiu pesquisa bibliográfica e coleta de dados.

O córpus apresentado é resultado de observação de jornais, escritos e televisivos, revistas, periódicos, livros, dicionários e falantes nativos da língua.

Cabe ressaltar que o AURÉLIO foi a principal fonte de informação para a estruturação do córpus.

Na descrição e classificação das palavras complexas, foram considerados os aspectos fonológicos, morfológicos, sintá-ticos e semânticos.

O método adotado na elaboração da dissertação contempla o lado sincrônico da formação de palavras.

1.4 - Divisão do Trabalho

Para alcançar o objetivo a que se propõe, o trabalho

desdobra-se em cinco partes - Introdução, Aspectos Preliminares, Diacronia e Sincronia, A Derivação e suas Direções, Conclusão - encerrando-se com as referências bibliográficas.

O capítulo "Aspectos Preliminares" oferece breve notícia histórica sobre morfologia derivacional, cuida da definição de palavra, trata de aspectos relativos à formação de palavras e estabelece a distinção entre flexão e derivação, elementos in dispensáveis à compreensão do estudo dos processos derivacionais.

No segmento "Diacronia e Sincronia", estabelece-se a distinção dessas abordagens e coloca-se a necessidade de se de finir um critério para a realização de pesquisa ou estudo.

No capítulo "A Derivação e suas Direções", faz-se, ini cialmente, uma exposição sobre a derivação. Posteriormente, analisam-se as direções possíveis dos processos derivacionais: direção obrigatória, direção preferencial e direção facultativa.

2. ASPECTOS PRELIMINARES

2.1 - Histórico da morfologia derivacional

As gramáticas normativas - conjunto de normas que ensina a falar e escrever a língua padrão corretamente - limitam-se a apresentar a análise das palavras já formadas e incorporadas ao léxico, no tocante à morfologia derivacional.

A preocupação das gramáticas tradicionais normativas quanto à formação de palavras se resume em enumerar processos, listar exemplos e explicitar o significado final de todas as palavras que possuam afixos.

O aspecto criativo da linguagem, isto é, a capacidade dos falantes de uma língua formarem novas palavras não é considerado pelas gramáticas normativas tradicionais.

Na antiguidade clássica, os estudos morfológicos se centravam na discussão de que fator, regularidade (analogia) ou irregularidade (anomalia), predominaria para caracterizar as línguas.

Na tradição clássica o estudo da morfologia limitou-se ao exame do fenômeno da flexão. Os fenômenos flexionais apre-

sentam-se mais regulares que os derivacionais. Assim, explica-se a identificação da morfologia clássica com o fenômeno da flexão.

Varrão, gramático latino, foi quem pela primeira vez estabeleceu a diferença entre formação natural de palavras (*derivatio naturalis*), referente ao que hoje chamamos flexão, e formação voluntária (*derivatio voluntaria*), que corresponde à derivação.

Na Idade Média, não se verificam avanços na morfologia derivacional porque a sintaxe foi o tema de interesse central.

No século XIX, observa-se que a morfologia derivacional tornou-se valorizada com a gramática da Panini, em que as palavras são analisadas em termos de suas estruturas e com a preocupação dos estudos lingüísticos voltada para a evolução de palavras numa perspectiva diacrônica.

No estruturalismo - movimento que se opõe ao estudo comparativo e histórico predominante no século XIX e início do século XX e que adota os princípios de que a língua funciona como uma estrutura e de que o ponto de vista sincrônico tem validade científica -, os lingüistas despertaram interesse pela morfologia derivacional, principalmente no período do descritivismo americano, em que o estudo do morfema é realizado de forma mais expressiva.

O morfema é definido como a unidade significativa da língua e a unidade básica da morfologia. Nota-se que a estrutura interna das palavras começa a ser pensada pelos lingüistas, pois a análise morfológica desse período consiste na segmenta-

ção dos morfemas na base da distintividade fonético-semântica.

Essa abordagem estruturalista da morfologia derivacional apresenta duas deficiências:

- a) a análise morfológica preocupa-se em descrever unidades já existentes na língua;
- b) a definição de morfema como forma mínima dotada de significado faz com que a análise revele problemas, pois, no léxico, as palavras têm um significado geral e há um grande número de casos em que não se pode atribuir um significado específico às partes.

Na segunda metade do século XX, surge, com Chomsky, a teoria gerativa transformacional, cujo objeto principal é o estudo da sintaxe. Nos primeiros estágios de desenvolvimento dessa teoria, os estudos de morfologia derivacional foram desconsiderados.

Os processos derivacionais gerais como nominalizações recebem uma abordagem sintática na teoria chomskiana, ou seja, as formas simples que coincidem com os morfemas pertencem à estrutura profunda e as formas complexas são geradas por regras de transformação, assim como as sentenças.

Chomsky, na hipótese transformacionalista, propõe que as nominalizações são produzidas pelas mesmas regras das sentenças, pois não ocorre alteração semântica da sentença com a aplicação da regra da transformação.

Exemplo:

- a) João construiu a casa.

b) A construção da casa por João.

No entanto, sabe-se que "o tratamento transformacional de nominalizações ... não consegue abarcar os casos em que formas nominalizadas de verbos apresentam extensões de sentido, sejam estas generalizadas ou idiossincráticas" (BASILIO, 1980:27). Cita-se, como exemplo, **receber e recepção**, em que **recepção** tanto pode ser o ato de receber como a seção de hotel, restaurante (SANDMANN, 1988a:6).

As regras produtivas de formação de palavras, que se apresentam, por vezes, assistemáticas, contribuem para que se rejeite a proposição de Chomsky de que as palavras são geradas como as sentenças. Os exemplos fornecidos por SANDMANN, 1988b: 7, são esclarecedores: **"estofar-estofador, cortar-cortador, roubar-*roubador"**.

As sentenças normalmente são novas, pois não estão retidas na memória. Já as palavras encontram-se guardadas no léxico e, esporadicamente, os falantes acionam as regras de formação de vocábulos novos. Dessa forma, a palavra se diferencia da sentença porque suas regras de formação não são constantemente acionadas, mas, quando são, evocam mais a impressão do novo do que as sentenças.

A lexicalização - expansão de significado - também não favorece à hipótese transformacionista, uma vez que as palavras evoluem semanticamente sem interferência na morfologia. Por exemplo, **passagem** é o 'ato de passar' e 'o bilhete que dá direito à viagem'.

Aponta-se ainda como diferença entre a sentença e a pa-

lavra a função que essas exercem. Cabe à sentença a função enunciativa e à palavra a nominativa. João e Maria representam o casal ideal, o amor perfeito, é uma sentença. Amor-perfeito é o nome de uma flor.

Em 1970, com o artigo "Remarks on Nominalization", CHOMSKY apresenta a hipótese lexicalista em oposição à hipótese transformacionalista.

A hipótese lexicalista propõe que as palavras estão inseridas na estrutura profunda e que não são mais derivadas por regras de transformações como as sentenças.

Na abordagem lexicalista, admite-se que nome e verbo (**receber-recepção**) são relacionados na esfera do léxico. Assim, procede-se o desenvolvimento de estudos sobre a estrutura do léxico numa nova perspectiva dentro de um enfoque gerativo transformacional.

Como é dado um tratamento especial aos processos derivacionais gerais do léxico e às regras de formação de palavras na teoria lexicalista, a morfologia derivacional passa a constituir uma área de estudos promissores.

A aceitação do léxico como parte isolada da sintaxe é uma das contribuições da hipótese lexicalista relevante para o desenvolvimento dos estudos da morfologia derivacional.

Jackendoff, em 1975, complementa a teoria lexicalista com a teoria da entrada plena, em que as palavras apresentam entradas plenamente especificadas no léxico, relacionadas por regras de redundância que vão expressar as regularidades fo-

nológicas e sintático-semânticas entre os itens lexicais.

De acordo com esta teoria, pares de verbos e formas nominalizadas (**formar-formação, prover-provimento**) constituem entradas lexicais separadas, mas relacionadas por regras de redundância que designam como redundante a informação de que uma entrada lexical é previsível pela existência de um item lexical relacionado.

Referindo-se ao efeito produzido no léxico quando ocorre o que é conhecido em inglês sob a denominação de 'back-formation', Jackendoff estabelece que quando uma forma não existente no léxico, como '**retribute**' (retribuir), entra na língua, em virtude da existência de '**retribution**' (retribuição) e '**retributive**' (retribuível), torna-se possível uma reestruturação na qual aquela passa a ser tomada como básica. Assim, a 'back-formation' deixa de ser reconhecida como tal pelos falantes, precisamente na medida em que eles reestruturam o léxico, passando a tomar como básica a forma derivada regressiva. Tal reestruturação, segundo Jackendoff, tornaria a língua mais simples que antes da introdução de '**retribute**' no léxico, exceto pelo fato de que agora há mais uma palavra para se aprender.

Segundo Jackendoff, um verbo como '**aggress**' (agredir), de uso ainda marginal na língua, é interpretado como uma 'back-formation', ou seja, como uma forma derivada regressiva de '**aggression**' (agressão) - **aggressor** (agressor) - **aggressive** (agressivo) e não como sua forma subjacente.

Com base na teoria lexicalista, o autor propõe uma descrição do processo diacrônico de formação regressiva e a reestruturação lingüística.

Aronoff, em 1976, apresenta uma valiosa contribuição para os estudos da produtividade lexical, afirmando que somente uma teoria em que palavras derivam de palavras que constam no dicionário como itens lexicais independentes pode responder por formações regressivas.

As 'back-forms' só podem ser geradas em uma teoria em que cada palavra é uma entrada independente. Se, por exemplo, uma palavra como 'condite' não é listada no dicionário como uma forma especificada e independente, mas está, por uma regra de redundância lexical, relacionada a 'condition' (condição), então a produção dessa forma será impossível e a 'back-form' não poderá ocorrer.

Sendo assim, para Aronoff, apenas regras de formação de palavras podem operar como regras de redundância lexical.

No modelo de Aronoff, regras de formação de palavras são definidas especificamente como regras que podem criar novos itens lexicais dentro da língua. Aronoff não pretende dar conta da estrutura das palavras que já existem no léxico, mas definir a capacidade do falante de formar novas palavras em sua língua.

Aronoff esclarece que na morfologia derivacional se faz uma distinção entre as classes de palavras teoricamente possíveis e as classes de palavras realmente possíveis. Assim, um dos objetivos da morfologia derivacional é a determinação de quais palavras um falante pode formar.

2.2 - A palavra

Definir a palavra sempre foi uma das questões polêmicas em lingüística porque as definições partem de critérios heterogêneos: ou se examina apenas o plano fonológico, ou o plano semântico, ou o paradigma, ou o sintagma.

"A palavra é uma unidade lingüística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa" (BASILIO, 1987: 12).

No entanto, para os lingüistas o termo *palavra* é ambíguo: pode ser definido como lexema e como forma vocabular.

"O lexema é a unidade do léxico, independente da variação flexional. As formas vocabulares são as formas nas quais os lexemas se incorporam para poderem ocorrer em dado sintagma ou sentença" (LOBATO, 1986:72).

Esses dois significados do termo *palavra* - lexema e forma vocabular - são continuamente utilizados sem que se tenha consciência. A palavra que consta do dicionário é um lexema, por exemplo, o verbo *ter*. As variações flexionais desse verbo não aparecem no dicionário (*tereí, terás*), mas podem ser encontradas em sentenças quando a flexão se faz necessária.

Na gramática tradicional, a palavra é a unidade básica e a unidade significativa mínima, ou seja, indivisível.

Durante o estruturalismo, o morfema foi considerado a unidade central da análise gramatical, mas o morfema é uma unidade menor do que a palavra.

O gerativismo centrou os seus estudos na sintaxe, que tem como objeto a sentença, a unidade maior do que a palavra.

A palavra permite estabelecer distinção entre morfologia e sintaxe. A morfologia trata da estrutura interna das palavras e a sintaxe das regras que regem sua combinação em frases.

Ressalta-se também a diferença entre a palavra escrita e a palavra falada. Quando se fala, não se fazem pausas entre as palavras, mas é possível identificá-las do ponto de vista funcional. Na escrita, a palavra é facilmente identificada como a seqüência que ocorre entre espaços ou sinais de pontuação.

Na definição de Bloomfield, palavra é a mínima forma livre. Entenda-se por forma livre a que pode ser usada como um enunciado, livremente, como por exemplo **quem**. As formas presas são partes de uma palavra: **pro-procurar**. Assim, as palavras podem se constituir de uma forma livre (**cor**), duas ou mais formas presas (**im-possí-vel**) e de uma forma livre e uma ou mais formas presas (**in-capaz**). Por ser aplicável a todas as línguas, a definição de Bloomfield parece adequada e útil para o estudo da morfologia derivacional.

2.3 - Formação de palavras

Não são raras as vezes em que, ao abrir um jornal ou uma revista, se observa a formação de uma palavra nova.

Um dos motivos que leva à formação de palavras novas é a necessidade de mudança de classe gramatical, ou seja, tem-se um verbo, por exemplo, e necessita-se torná-lo um substantivo: **atacar** (verbo), **o ataque** (substantivo). Verifica-se que houve apenas alteração da classe gramatical e que o significado mantém-se o mesmo.

Cabe salientar que existem processos de formação de palavras que não alteram a classe das palavras. Os prefixos, em geral, não mudam, no português, a classe gramatical das palavras. O prefixo **pré-**, por exemplo, adicionado à palavra **história** forma nova palavra - **pré-história** -, mas da mesma classe gramatical. Nesse caso, o que ocorre é um acréscimo semântico a uma significação lexical básica.

A razão básica de se formar palavras é de ordem econômica. A língua, como sistema eficiente e prático de comunicação, não permite que se memorizem formas diferentes para cada necessidade que se tem de usar palavras em situações e contextos distintos. Assim, o mecanismo da língua possibilita que, com um mínimo de elementos retidos na memória, alcance-se o máximo de flexibilidade.

Para se fazer um estudo dos processos de formação de palavras, é necessário ter em mente que tanto as regularidades como as irregularidades lexicais devem ser analisadas.

O acréscimo de um afixo a uma base e o acréscimo de um significado a uma palavra pertencem ao estudo dos processos de formação de palavras. **Orelhão** significa 'orelha grande' bem como 'telefone público'. Constata-se que no português o sufixo

-ão é usado não apenas como indicação de uma grande dimensão, mas também apresenta uma função denominadora.

Nota-se que o estudo do léxico é difícil, pois os processos regulares de formação de palavras se misturam com processos imprevisíveis. Daí a necessidade de se distinguir processos de formação de palavras de "formas já feitas" (BASÍLIO, 1987:24). Aceitando-se essa distinção entre processos de formação de palavras e "formas já feitas", compreendem-se construções não previstas ou tidas como impossíveis no componente de regras. BASÍLIO, 1987:25, exemplifica: "... embora a palavra **limpeza** seja a forma nominalizada do verbo **limpar**, podemos afirmar que é impossível o acréscimo do sufixo **-eza** a verbos para formar substantivos".

Em nossa língua, há dois processos gerais de formação de palavras: a derivação e a composição.

À derivação, foi reservado o capítulo IV desse estudo.

A composição é definida como a junção de uma base a outra para a formação de uma palavra. Por exemplo, palavras como **sempre-viva** (sempre + viva), **passatempo** (passa + tempo) são formadas por duas bases e, por isso, chamadas de compostas.

No estudo de formação de palavras, é importante estabelecer a diferença entre "regras de análise estrutural" e "regras de formação de palavras". Estas "se referem a regras que formam palavras novas na língua"; aquelas, "a regras que analisam a estrutura de palavras morfologicamente complexas". (BASÍLIO, 1980:21). Considere-se, por exemplo, o prefixo **in-** em português que raramente se une a verbo ou a bases negativas: **in-**

completo, infeliz, indelicado. Os verbos *indeferir* e *inutilizar* (SANDMANN, 1988b:119) não fazem parte da regra de produtividade do prefixo *in-* e para se explicar tais formações recorrer-se-ia a regras de análise estrutural.

A definição de "regras de redundância" torna-se relevante no estudo de formação de palavras.

Do início da teoria chomskiana até os dias de hoje, as regras de redundância adquiriram diferentes significações, como, por exemplo, "qualquer tipo de traço em entradas lexicais" (+ animado, - humano).

No estudo de formação de palavras por derivação, a definição de regras de redundância apresentada por BASÍLIO, 1980: 21 é mais adequada: "quaisquer regras que expressem relações sistemáticas entre palavras e conjuntos de palavras no léxico".

2.4 - Flexão e derivação

As gramáticas de língua portuguesa apresentam incoerência no tocante aos processos de flexão e derivação.

É comum se encontrar os afixos caracterizadores de grau diminutivo e aumentativo - por exemplo, *-inho*, *-ote*, *-ão*, *-aço*, como pertencentes à flexão.

Na verdade, os afixos de grau relacionam-se à derivação, pois permitem que se formem novas palavras e, a partir destas, possibilitam derivações posteriores. Um exemplo é *li-*

vro - livrinho - livrão.

Quanto à flexão de gênero, a gramática, portuguesa também apresenta problemas.

O morfema que indica o gênero nos substantivos é um traço lexical, um sufixo. Já nos adjetivos o morfema de gênero é uma flexão porque depende do gênero do substantivo com que concorda.

A escolha do gênero do substantivo (**aviador - aviadora, juiz - juíza, desembargador - desembargadora**) é anterior à frase, pertence à estrutura profunda da sentença. O gênero do adjetivo concorda com o gênero do substantivo (**menino bonito - minina bonita**). Sua realização depende do gênero do substantivo, por isso está inserido na estrutura de superfície da frase.

Deve-se citar também a confusão que a gramática realiza com o conceito de gênero e sexo. **A criança e a testemunha** serão sempre femininos independentes do sexo a que se refiram, pois o artigo **a** as antecede.

Não é correto afirmar que as palavras macho e fêmea distinguem o gênero porque o acréscimo dessas palavras não é obrigatório e o gênero não se altera: usa-se a **onça macho** no feminino e o **peixe fêmea** no masculino.

As gramáticas apontam que **nora** é o feminino de **genro**, que **madrinha** é o feminino de **padrinho**. Isso acontece em razão da ausência de distinção entre processo flexional e processo lexical. O gênero indicado por heteronímia não constitui pro-

cesso de flexão.

Deve-se lembrar que os sufixos derivacionais *isa*, *-esa*, *-essa* são formadores de feminino e classificam-se como casos de derivação com distribuição limitada: **o barão - a baronesa**.

Observa-se, assim, que não procedem as designações de epiceno, sobrecomum, comum de dois usadas pela gramática tradicional. Palavras como **a criança**, **a onça**, **o indivíduo** têm o gênero feminino e masculino indicado pelo artigo **a** e **o**.

Ressalta-se que os elementos do léxico são ilimitados e de uma relação aberta, como a derivação, o que propicia o contraste com a gramática, cujos elementos estabelecem uma relação fechada, como a flexão.

3. DIACRONIA E SINCRONIA

No estudo da direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação, é importante a distinção entre seqüência diacrônica e seqüência sincrônica. Por exemplo, em **sarampo - sarampão** tem-se a seqüência sincrônica, enquanto que **sarampão - sarampo** representam a seqüência diacrônica. Realmente, causa estranheza a seqüência diacrônica **sarampão-sarampo**, porque hoje a terminação **-ão** liga-se ao grau aumentativo das palavras.

Por isso é necessário se estabelecer que tipo de estudo será realizado: diacrônico ou sincrônico.

Cabe ressaltar que nem sempre a seqüência diacrônica difere da seqüência sincrônica, como se pode verificar em **investimento**, registrada no Aurélio, e **desinvestimento** (VEJA, 15.04.92, p.46 e 47).

No inglês, também se observa o caso da diferença de análise diacrônica em **teacher - teach** (educador-educar) e da análise sincrônica em **teach - teacher**. Mas se nota a coincidência de análise diacrônica e sincrônica em **desirable - undesirable** (desejável - indesejável).

Salienta-se desde já que tanto a abordagem diacrônica como a abordagem sincrônica são legítimas. A coerência à opção de realização de estudo diacrônico ou sincrônico é que deve ser respeitada. O que não se pode admitir é a mescla de critérios.

Um elemento que constitui historicamente uma parte de uma palavra pode sofrer alteração se analisado sincronicamente. MATTOSO CAMARA JR., 1971:9 cita um exemplo que permite a diferença entre diacronia e sincronia a partir da palavra *comer*: no latim, *comedere* possuía um prefixo *com* acrescido à base *edere*. No português, sincronicamente, *com-* é raiz de *comer*.

A abordagem diacrônica é válida quando se deseja executar um estudo histórico da língua. O emprego atual de uma palavra acontece independente de se conhecer a sua história. Por exemplo a palavra *prego* é comumente utilizada sem que se tenha em mente que no latim clássico era *praedico* e no latim vulgar *prédico*.

Comprova-se assim que a diacronia da língua não faz parte da competência lexical do falante.

Tanto no português como no inglês têm-se os exemplos clássicos de:

a) gramáticos como Bechara, Rocha Lima quando citam *gajão* - *gajo* como a direcionalidade do ponto de vista diacrônico, enquanto hoje a direcionalidade do ponto de vista sincrônico é *gajo* - *gajão*;

b) Aronoff quando apresenta 'peddler' (vendedor ambulante

- 'peddle' (ser vendedor ambulante) como a abordagem diacrônica e 'peddler' - 'peddler' como a abordagem sincrônicas;

c) Jackendoff considerando a seqüência 'aggression' (agressão) - 'aggressor' (agressor) - 'aggressive' (agressivo) - 'aggress' (agredir) como diacrônica, sendo que, sincronicamente, 'agress', de uso marginal na língua, seria a palavra inicial da seqüência cronológica acima citada.

Para o funcionamento atual das palavras, não interessa a investigação evolutiva delas.

Reforça-se aqui a idéia de que os critérios de abordagem diacrônica ou sincrônica devem ser previamente estabelecidos para a realização de qualquer estudo, principalmente, no tocante à direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação.

Tomando-se exemplos do AURÉLIO como **viúva** e **viúvo**, observa-se também a diferença de direcionalidade diacrônica e sincrônica. O próprio AURÉLIO coloca que a direção diacrônica é **viúva** - **viúvo**, pois **viúva** provém do latim *vidua*. Já a direção sincrônica é **viúvo** - **viúva**, assim como **aluno** - **aluna**, **moço** - **moça**, **soldado** - **soldada**. A explicação para a direcionalidade sincrônica supramencionada está em o masculino apresentar semântica mais geral, tanto que utiliza-se no plural **viúvos** referindo-se a **viúvo** e **viúva**. O AURÉLIO menciona que **viuvez** é 'estado de quem é viúvo', revelando assim a sincronia para essa definição. Porém, quando define o verbo **viuvar**, o Aurélio retorna a abordagem diacrônica 'de viúva + ar'.

Constata-se que o AURÉLIO apesar de se preocupar com o

estudo sincrônico das palavras, mescla o estudo diacrônico, sem que se estabeleça um critério para tal intercalação. Por vezes, o AURÉLIO cita somente o masculino, como **aluno**, e, em outros casos, apresenta as duas formas masculino e feminino, como **viúvo - viúva**.

Observa-se que **viúva**, diacronicamente, apresenta-se mono-morfemática e, sincronicamente, passa a ter dois morfemas: o radical **viúvo** e o morfema de feminino **-a**. O mesmo se pode dizer de **musa - muso** (FOLHA S.P., 5.12.89:p.D-3). **Soldado**, de dois morfemas (**sold - + - ado**), passa a três (**sold - + - ad - + o**), tendo sido registrado **soldada** na FOLHA DE S.P.. 5.12.89, p. D-3.

No caso de **legislador - legislar**, direcionalidade presente no AURÉLIO, fica fácil estabelecer a direção sincrônica, fazendo-se analogia com **examinar - examinador**, **expedir - expedidor**, **instrumentar - instrumentador**, **vender - vendedor**. Apenas se acrescenta o morfema **-dor** (que denota agente) ao verbo.

As gramáticas tradicionais normativas não mantêm coerência quanto à seleção de critério de análise da direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação. Ora utilizam a diacronia (**rosmaninho - rosmano**), ora a sincronia (**carro - carrinho**).

Saussure, em sua obra póstuma de 1916, reivindicou a autonomia para a pesquisa sincrônica. Seu exemplo clássico de oposição de diacronia e sincronia a partir da imagem de um jogo de xadrez é até hoje transcrito. Durante uma partida de xadrez, a disposição das peças se modifica a cada lance, mas a cada lance a disposição pode ser inteiramente descrita a par-

tir da posição em que se encontra cada peça. Pela conduta do jogo, num momento dado, pouco importa saber quais foram os lances jogados anteriormente, em que ordem eles se sucederam: a disposição das peças pode ser descrita sincronicamente, sem nenhuma referência aos lances precedentes. Seguindo Saussure, o mesmo ocorrerá para as línguas: elas se modificam constantemente, mas se pode explicar o estado em que elas se encontram num determinado momento.

Segundo DUBOIS, 1988:544,

A descrição sincrônica toma para si a tarefa de enunciar claramente e de modo sistemático o conjunto de regras tais como elas funcionam, num momento dado, na língua a ser estudada...

MATTOSO CARARA JR., 1971:41 coloca a importância da abordagem sincrônica e o objetivo dessa que culmina com o estudo da direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação:

O objetivo da análise descritiva, ou sincrônica, do vocábulo morfológico é descrever-lhe a engrenagem atualmente operante, depreendendo os elementos constituintes de acordo com uma significação e uma função elementar que lhes é atribuída dentro da significação e da função total do vocábulo.

Para se efetuar a análise sincrônica de uma palavra complexa incorporada ao léxico, segmentam-se primeiramente os elementos que a compõem, sendo a segmentação fundamentada na fonologia

logia e na semântica, que identificam as unidades morfológicas.

A recorrência do morfema lexical torna facilmente identificável uma seqüência lingüística, pois mantém as características fonológica e semântica.

Por exemplo, em **conceber**, **perceber**, **receber**, observa-se a recorrência do morfema lexical # **ceber** #. Em **consistir**, **desistir**, **insistir** e **resistir**, o morfema lexical recorrente é # **sistir** #.

É notório que os morfemas lexicais # **ceber** # e # **sistir** # isolados não apresentam semântica definida, sendo dependentes da união de um prefixo para obter significado.

Os prefixos também são unidades recorrentes na língua, tanto que se pode isolá-los de # **ceber** # e # **sistir** #. Toma-se o prefixo **com-** que indica contigüidade e se repete tanto em **conceber** como em **consistir**.

Apesar de não se poder estabelecer um significado autônomo para # **ceder** # e # **sistir** #, é possível identificá-los como morfema. Em # **ceber** # diz-se que a raiz é **ceb-**, a vogal temática **e**, e **r** a flexão de infinitivo. Portanto, é morfema recorrente formador de palavras pertencentes à mesma classe gramatical; verbos. Quando presente nas formas nominalizadas dos verbos, o **b** de # **ceber** # é substituído por **p**: **concepção**, **percepção**, **recepção**. O morfema # **sistir** # é regular também nas formas nominalizadas dos verbos: **consistência**, **desistência**, **insistência**, **resistência**.

A regularidade presente nas raízes mencionadas também pode ser observada nos seguintes exemplos:

aduzir	adução
conduzir	condução
reduzir	redução
admitir	admissão
demitir	demissão
permitir	permissão
apreender	apreensão
compreender	compreensão
repreender	repreensão
atribuir	atribuição
contribuir	contribuição
retribuir	retribuição

Com esses exemplos, sincronicamente, esclarece-se a direcionalidade derivacional de verbo e substantivo. Primeiramente tem-se o verbo **#mitir#**, após uma prefixação **admitir**, para então se partir para o derivado, que é um substantivo abstrato **admissão**.

Na análise que se apresentou, em nenhum momento citou-se a origem histórica dos verbos. Tornou-se dispensável o conhecimento de que **conceber**, **perceber** e **receber** são respectivamente derivados do latim *concipere*, *percipere* e *recipere*.

É importante lembrar SILVA & KOCH, 1983:32:

Considerar derivadas palavras como submisso, perceber, conduzir, admitir, a partir de uma pseudo forma livre - misso -, - ceber -, - mitir -, com o acréscimo dos prefixos - sub -, per -, - com - e ad - representa um critério diacrônico válido apenas no estudo histórico, já que no estágio atual da língua esses morfemas lexicais inexistem. Assim, tais vocábulos devem

ser tratados como palavras primitivas.

Contesta-se a afirmação dos autores, no tocante à inexistência dos morfemas lexicais no estágio atual da língua. Tanto existem que são regulares e recorrentes, como se pode verificar nos exemplos: **conceber, perceber, receber, consistir, persistir, resistir** e outros. Como esses exemplos esclarece-se a existência dos prefixos por serem recorrentes e por apresentarem significado.

Realmente, em português, não ocorre o verbo # **ceber** # nem o verbo # **sistir** # na forma simples, sendo dependentes da forma derivada. SANDMANN, no prelo, encontra uma expressão notável para definir, por exemplo, o verbo # **duzir** # : "verbo simples morto, mas que sobrevive em derivados".

A análise sincrônica torna-se fácil quando se identifica rapidamente pela recorrência o morfema lexical e o prefixo, como em **abster, conter, deter, manter, reter; bendizer, condizer, desdizer, maldizer, redizer; afazer, contrafazer, desfazer, perfazer, refazer.**

Em português, **ter, dizer e fazer** são verbos vivos, comumente utilizados em suas formas primitivas.

É inegável que, em muitos casos, o estudo diacrônico auxilia na solução de problemas do estudo sincrônico. Porém, em uma pesquisa, deve-se estabelecer previamente o tipo de análise a ser realizada: diacrônica ou sincrônica.

Como já se definiu no capítulo introdutório dessa dissertação, a direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação receberá enfoque sincrônico.

4. A DERIVAÇÃO E SUAS DIREÇÕES

4.1 - Derivação

Derivação designa o processo de formação de palavras em que há uma junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base. Diz-se que uma palavra é derivada quando se constitui de uma base e um afixo. Desligar (des- + ligar), refazer (re - + fazer), boiada (boi + -ada), dentista (dente + -ista) são exemplos de palavras derivadas, formadas de prefixo + base ou base + sufixo.

Entende-se por prefixos os elementos presos que se antepõem ao radical e, por sufixos, os elementos presos propostos ou radical. Em incapaz, in- é prefixo e, em jogador, -dôr é sufixo.

Os prefixos e sufixos se distinguem também pela função que exercem. Os prefixos não permitem a mudança de classe de palavras da base: reler é verbo, como ler. Diferentemente dos prefixos, os sufixos mudam a classe de palavras da base: cidade (substantivo), cidadão (adjetivo), cidadamente (advérbio). Os sufixos também formam novas palavras da mesma classe: livro - livreiro.

Sendo assim, os afixos são definidos como as formas pre sas que se acrescentam ao radical para lhe alterar a significa ção lexical e mudar a classe gramatical.

A derivação compõem-se de cinco itens: derivação por pre fixação, derivação por sufixação, derivação regressiva, deriva ção imprópria e derivação parassintética.

4.1.1 - Derivação por Prefixação

Inicialmente, é necessário que se estabeleça a diferen ça entre prefixação e composição. A maioria dos gramáticos con sidera a prefixação pertencente à derivação, porém, às vezes, a prefixação aparece incluída na composição com base no crité- rio da independência vocabular, dado que grande número de pre fixos correspondem a preposições e advérbios: contradizer, além- mar, malcuidado, bem-querer.

A prefixação é um processo derivacional, pois é utiliza do para a formação de palavras em série e o elemento antepos- to à base - prefixo - não ocorre livremente: antialérgico. Já a composição se caracteriza pela união de duas bases para a for mação de nova palavra. Sabe-se que as bases são elementos que ocorrem livremente nas frases: garota-propaganda. Daí a distin ção entre prefixação e composição.

A proposta oferecida por SANDMANN, 1988a:106 e 108, de considerar a existência de afixóides - "fenômenos intermediários entre a composição e a derivação" - parece solucionar as divergências entre prefixação e composição. Por exemplo, os

prefixóides se prestam à formação em série e têm como correspondentes livres preposições e advérbios: citam-se as formações **malcriações, maldiposto**, em que **mal** funciona como prefixo, e ele está **mal**, em que **mal** é um advérbio ou forma livre. Seguem esse princípio os elementos **além, bem, contra, não, pró, sem, sobre**.

A linha de raciocínio de SANDMANN não é, nesse aspecto, discrepante da de OLMAR GUTERRES DA SILVEIRA, conforme aponta FREITAS, 1981:115: "A rigor estamos convencidos de que não existe o prefixo como forma livre, mantemos na língua, isto sim, formas livres homônimas de certos prefixos".

4.1.2 - Derivação por Sufixação

A sufixação é um processo de formação de palavras em que um sufixo pospõe-se a uma base. Como já foi dito em capítulo anterior, o sufixo tanto altera a significação da base (**dente-dentista**), como muda sua classe gramatical: **análise** (substantivo) - **analisar** (verbo).

Assim como a prefixação, a sufixação forma palavras em série: **pedra, pedrinha, pedreiro**.

Para evitar de se considerar algumas sufixações como composições, propõe-se também a existência de sufixóides. Por exemplo, **mania** tanto pode aparecer preso a uma base como possui correspondente livre: "**jazzmania**" e "**mania de reclamar**" (SANDMANN, 1988a:114).

A gramática tradicional normativa costuma apresentar os sufixos como elementos desprovidos de significado. Explica-se com CEGALLA, 1980:61:

Sufixos são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra.

ROCHA LIMA, 1972: 180 afirma:

... os sufixos vazios de significação têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical.

Se os sufixos fossem elementos vazios de significado, certamente não se diferenciaria - **ista** e **homem**, em **maquinista**, e **eira** e **árvore**, em **laranjeira** 'árvore que dá laranja'.

Segundo SANDMANN, 1988a: 30-31,

Os sufixos ... correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas: violeiro, uma derivação sufixal, corresponde semanticamente ao grupo sintático tocador de violão ...

Coloca-se ainda que o conteúdo do sufixo antecede ao do utensílio, já que comunica holisticamente o que a formação contém. Em **Paulada** 'pancada com pau', o sufixo **-ada** significa a ação de pancada, sendo o pau um utensílio utilizado nesta ação.

Confirma-se, assim, que os sufixos são elementos semânticos e que são os determinados na formação de palavras, enquanto a base funciona como determinante. Por exemplo, **pedra - pedreiro (pedr- + -eiro)**. É o sufixo que altera a subcategoria da classe de palavras.

Na sufixação, o fenômeno da lexicalização - "o todo não é mais a simples soma das partes" (SANDMANN, 1988b:23) - deve ser destacado principalmente em relação ao sufixo aumentativo **-ão**: **orelhão**, mais do que orelha grande, significa 'telefone público'; **calçadão**, mais do que o aumentativo de calçada, significa 'via reservada para pedestres'; **calção** é o mesmo que "shorts", calça curta e também o aumentativo de calça.

Cabe ressaltar na sufixação o grande número de verbos formados com nomes próprios. Esse processo de formação de palavras acentua-se em época de campanha política: **malufar, brizolar, collorir, lular, covar**.

O sufixo **-ista** é bastante utilizado na política com o significado de 'seguidor de um político' ou 'membro de um partido': **robertista, tancredista, petista, pedetista**.

4.1.3 - Derivação Regressiva

A derivação regressiva, a princípio, caracteriza-se pela formação de nova palavra a partir da supressão de um afixo ligado a uma base, isto é, retira-se parte de uma palavra para formar uma nova palavra. Exemplifica-se com **atacar - ataque**.

Primeiramente, é importante estabelecer a diferença entre o conceito de derivação regressiva e o conceito de redução ou abreviação.

No caso da redução ou abreviação, uma palavra se forma pela supressão de alguma parte de outra palavra, mas a palavra formada é sinônima da derivante: **boteco - botequim, Sampa - São Paulo, comuna - comunista.**

Quanto à derivação regressiva, a palavra derivada não tem o mesmo significado ou uso da palavra derivante.

Nesse estudo de derivação regressiva, discutir-se-á tanto a derivação deverbal como a denominal.

As gramáticas normativas do português, no tocante à derivação regressiva, preocupam-se sobretudo com as formações deverbais, ou seja, com a formação de substantivos a partir de verbos. Por exemplo: **lutar - luta, começar - começo, encaixar - encaixe, brigar - briga, atacar - ataque, combater - combate.**

O critério dos gramáticos para estabelecer se um substantivo deriva de um verbo ou se um verbo deriva de um substantivo é o apresentado por CUNHA, 1985:103:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filósofo Mário Barreto: "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (De Gramática e de Linguagem, II, Rio

O primeiro problema é de origem morfológica. Na formação de substantivos deverbais, não há simples supressão de parte do verbo, já que ocorre o acréscimo de nova vogal ao radical verbal: afogar - afogo. Como, no exemplo, a vogal temática do substantivo se diferencia da do verbo, questiona-se se os deverbais provêm dos verbos congñatos. Se isso acontecesse, a vogal temática verbal deveria ser mantida no substantivo.

O segundo problema diz respeito ao léxico, em que existem substantivos deverbais que não encontram uma forma verbal expressa na língua. Por exemplo, caretejo (VERSIANI, 1971 - exemplo extraído de Grande Sertão: Veredas) seria derivado de que forma verbal?

O último problema é de ordem semântica e já se discutiu anteriormente: há dificuldade de se determinar se o substantivo derivou do verbo ou vice-versa.

Os casos de derivação regressiva de origem nominal na literatura gramatical também apresentam problemas. Sarampo, por exemplo, teria se formado a partir de sarampão, numa análise errônea da terminação -ão como sufixo aumentativo. O que realmente ocorre é um processo de derivação regressiva em que a um dado radical se acrescenta uma vogal temática nominal. Se acontecesse apenas uma supressão de sufixo, como os gramáticos propõem, a forma obtida seria saramp.

Para solucionar esses problemas do processo de derivação regressiva, Lobato propõe que verbos e substantivos congñatos derivam de uma base em comum e que há indicação da direcionalidade da formação, o que diferencia substantivos derivados de primitivos.

O primeiro problema é de origem morfológica. Na formação de substantivos deverbais, não há simples supressão de parte do verbo, já que ocorre o acréscimo de nova vogal ao radical verbal: afogar - afogo. Como, no exemplo, a vogal temática do substantivo se diferencia da do verbo, questiona-se se os deverbais provêm dos verbos cognatos. Se isso acontecesse, a vogal temática verbal deveria ser mantida no substantivo.

O segundo problema diz respeito ao léxico, em que existem substantivos deverbais que não encontram uma forma verbal expressa na língua. Por exemplo, caretejo (VERSIANI, 1971 - exemplo extraído de Grande Sertão: Veredas) seria derivado de que forma verbal?

O último problema é de ordem semântica e já se discutiu anteriormente: há dificuldade de se determinar se o substantivo derivou do verbo ou vice-versa.

Os casos de derivação regressiva de origem nominal na literatura gramatical também apresentam problemas. Sarampo, por exemplo, teria se formado a partir de sarampão, numa análise errônea da terminação -ão como sufixo aumentativo. O que realmente ocorre é um processo de derivação regressiva em que a um dado radical se acrescenta uma vogal temática nominal. Se acontecesse apenas uma supressão de sufixo, como os gramáticos propõem, a forma obtida seria saramp.

Para solucionar esses problemas do processo de derivação regressiva, Lobato propõe que verbos e substantivos cognatos derivam de uma base em comum e que há indicação da direcionalidade da formação, o que diferencia substantivos derivados de primitivos.

A conceituação de LOBATO, 1987:8, para o processo de derivação regressiva, é esclarecedora:

Derivação regressiva é o processo de formação de palavras em que um vocábulo é formado por simples projeção do radical de outro vocábulo, já existe ou passível de existir na língua, sem acréscimo de afixo derivacional. (grifo da autora)

O acréscimo da vogal temática é exigência da estrutura morfofonológica do português.

Com essa conceituação de derivação regressiva, o problema morfológico fica resolvido, já que se trata de nova formação de palavra por meio de um radical comum e não de outra palavra.

O problema dos deverbais sem forma verbal correspondente é solucionado, pois é possível se recuperar o derivante.

O terceiro problema, o semântico, é dirimido pela exigência de que o deverbal tenha pelo menos uma interpretação verbal.

De acordo com a conceituação, LOBATO, 1987:8 elucidada:

Os substantivos regressivos deverbais do português podem agora ser definidos como os substantivos formados por projeção do radical de um verbo e acréscimo de vogal temática. (grifo da autora)

Os substantivos regressivos denominais do português são, por sua vez, os substantivos formados por projeção do radical de um nome com acréscimo

de vogal temática. E finalmente, os verbos e adjetivos regressivos denominais portugueses são os verbos e adjetivos formados por projeção do radical de um nome e acréscimo de vogal temática

Após essas considerações, pode-se afirmar que há sequência derivacional na formação de palavras; do contrário, não seria possível distinguir substantivos derivados de primitivos. Um argumento a favor dessa afirmativa é o de que, por exemplo, os substantivos deverbais apresentam pelo menos uma interpretação verbal. Cita-se aqui o exemplo de BASILIO, 1987:42:

A demora de Maria está aborrecendo Pedro pode ser interpretada como Pedro está aborrecido porque Maria está demorando, demora deve ser considerada como formação deverbal. (grifo da autora)

Partindo-se da solução oferecida por Lobato aos deverbais que não possuem verbo correspondente, considera-se que em determinadas derivações há ausência de etapas para a formação de palavras. Por exemplo, tem-se sufocar - sufocação - sufocamento - sufoco, mas fabricar - fabricação - fabrico e enviar - envio apresentam lacunas. Isso é plenamente justificável, pois a derivação apresenta características de irregularidade. Conforme MATOSO CAMARA JR., 1971:48,

As palavras derivadas não apresentam uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea de lexico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere.

Às vezes, a derivação não acontece porque o lugar já está ocupado por outra palavra na língua. É o caso de *roubador, ladrão já ocupa o lugar. Tem-se remar - remador, estofar - estofador e roubar - ladrão.

As formações analógicas - "formação de um todo de acordo com outro todo" - contribuem para a aceitação de ausência de etapas na formação de palavras. Metroviário formou-se com base em rodoviário, aeroviário, ferroviário, que provêm de rodovia, aerovia e ferrovia. No entanto, entre metrô e metroviário não se apresenta a fase intermediária metrovia. Como não se tem um modelo para se representar abstratamente a formação, diz-se que um todo foi formado de acordo com outros todos (SAN DMANN, 1988a:156).

4.1.4 - Derivação Imprópria

A derivação imprópria é o processo em que uma palavra muda de classe gramatical sem alterar a forma. Por exemplo: o homem velho (adjetivo); o velho (substantivo).

Na linguística contemporânea, a derivação imprópria é também conhecida como conversão, derivação zero ou derivação com morfema zero.

A conversão é assunto polêmico. Muitos autores acreditam que ela não pertence aos processos de derivação.

Segundo BASILIO, 1987:36, "o fenômeno de derivação imprópria ... não se trata propriamente de um processo de forma-

ção de palavras, mas de extensão de uso e propriedades gramaticais".

Quanto à derivação imprópria, KOCH, 1986:33 afirma: "trata-se, na realidade, de um processo sintático - semântico e não morfológico, motivo pelo qual não o incluiremos entre os diferentes tipos de derivação".

CUNHA, 1985:104 considera que:

A rigor a Derivação Imprópria ... não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica e não à da morfologia.

É importante observar que, na passagem de uma classe para outra, uma palavra não adquire as propriedades morfológicas da classe para que se converteu. Exemplos elucidadores são a passagem do substantivo para o adjetivo e do verbo para o substantivo. Diz-se blusas areia e não *blusas areias; diz-se o vender e não se pode pluralizar.

No entanto, ressalta-se que existe a formação de uma nova unidade lexical com a mudança da classe da palavra. Apesar de não haver registro morfológico nessa nova formação, ela se origina de uma unidade que já pertencia ao léxico. Daí se poder afirmar que a conversão é um processo de derivação, mas com ausência de alteração morfológica: derivação zero ou derivação com morfema zero.

As mudanças ocorridas na mesma classe de palavras também são consideradas um processo de conversão. Cita-se um exempl

plo retirado de SANDMANN, 1988a:96: cesta (objeto) - o cestinha (jogador de basquete que faz muitos pontos).

4.1.5 - Derivação Parassintética

O processo de formação de palavras que consiste em adicionar simultaneamente um prefixo e um sufixo a uma base é denominado derivação parassintética. Exemplifica-se: en- + tarde + -ecer = entardecer; des- + alma + -ado = desalmado.

Todavia, nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo podem ser consideradas como de formação parassintética. Por exemplo, infelizmente tem um prefixo e um sufixo, mas a formação dessa palavra ocorre em dois níveis de derivação. Prova disso é que na língua existem as palavras infeliz e felizmente. Assim, quando se extrai um dos afixos de uma base e o resultado é uma palavra não lexicalizada, a derivação é parassintética (ensombrecer - *ensombra - *sombrecer).

A derivação parassintética quando estudada com mais acuidade parece um processo complexo de formação, envolvendo aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos.

Em algumas formações, o fator semântico é de suma importância para se estabelecer se a palavra resultou de uma derivação parassintética ou não. É o caso da palavra desalentado, que tanto pode significar sem dente, formação decorrente de derivação parassintética (des- + dente + -ado), como pode significar 'paciente do ato de desdentar, em que se acrescenta ao verbo desdentar o sufixo -do.

Demonstra-se assim que o fator semântico deve ser considerado na formação de palavras por derivação parassintética.

Sobre esse assunto, é oportuna a colocação de BASILIO, 1987:47 :

... quando a supressão de um afixo nos deixa como resultado uma palavra existente na língua, temos ainda que verificar se o significado da construção global corresponde à função semântica do afixo retirado com a base resultante. Se isso não ocorrer, a forma poderá ser considerada como derivação parassintética.

Vale dizer que esse posicionamento relativo à derivação parassintética não é agraciado pelas gramáticas normativas ou descrições morfológicas.

4.2 - Direções da Derivação

Os processos derivacionais serão analisados neste item por meio das seguintes direções: obrigatória, preferencial e facultativa.

4.2.1 - Direção Obrigatória

A análise morfológica acompanhada da análise semântica mostra que há formações de palavras que seguem apenas uma direção, a qual se chama de obrigatória, ou seja, as outras dire-

ções possíveis dos processos derivacionais não são aceitas para explicar determinadas formações.

Por exemplo, em:

classificar	desclassificar
dizer	desdizer
fazer	desfazer
ligar	desligar
mentir	desmentir

a derivação por prefixação é direção obrigatória quando se quiser formar um verbo, com significado de ação contrária, com o prefixo **des-**.

É inquestionável também a direção obrigatória na formação de substantivos no aumentativo ou no diminutivo:

caso	casarão	casinha
cavalo	cavalão	cavalinho
garrafa	garrafão	garrafinha
janela	janelão	janelinha
homem	homenzarrão	homenzinho

Neste caso, acrescenta-se ao substantivo o sufixo de grau, originando uma derivação por sufixação.

Os exemplos, até o momento apresentados, não causam dúvida quanto à direção obrigatória de processos derivacionais.

No entanto, há casos em que a bibliografia compulsada diverge da direção obrigatória a ser seguida nos processos derivacionais.

No tocante à derivação regressiva, observa-se que as autoras Basilio e Lobato divergem quanto à direção obrigatória

para formações deverbais e denominais.

Em BASILIO, 1980:76, tem-se o seguinte c6rpus:

Verbo	Nome
lutar	luta
vender	venda
comprar	compra
fugir	fuga
tocar	toque
abandonar	abandono
escolher	escolha
almoçar	almoço

que leva o leitor a entender que os nomes surgiram dos verbos. Mas, na p6gina 79, Basilio coloca que ... "nestes pares o nome 6 morfologicamente b6sico", ou seja, n6o derivou do verbo.

A explica76o para essa afirma76o 6 a de que a vogal **a** aparece em quase todos os verbos. Da6 surge a regra proposta por BASILIO, 1980:78 : "dado um nome X terminado em Y, podemos prever que sua contraparte verbal terminar6 em **-a**."

Pode-se constatar que com essa proposta Basilio tenta modificar a id6ia de Chomsky e de Jackendolf de que o verbo 6 b6sico e o nome dele deriva.

Realmente, para a teoria lexicalista, Basilio trouxe uma contribui76o, embora refut6vel.

Incluindo, por exemplo, **luta** dentro de um contexto fica esclarecido seu aspecto verbal:

A luta foi assistida por mais de vinte crian7as.

O significado de luta é "combate corpo a corpo, sem ar mas, entre dois atletas que, observando certas regras, procuram derrubar um ao outro", segundo o AURÉLIO. Volta-se ao item 4.1.3 Derivação Regressiva, em que Cunha, reiterando Mário Barreto, explica que "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva".

Entretanto, tal critério não se mostra eficaz, na medida em que se reconhece que regressivos derivados de verbos de ação podem apresentar tanto interpretação verbal quanto nominal, com possibilidades de sofrerem expansão para um significado de resultado concreto da ação:

criticar	crítica
confessar	confissão
ofertar	oferta

Além disso, há nomes deverbais cujas bases não são verbos de ação; só apresentam interpretação nominal, não denotando ação:

desejar	desejo
perder	perda

Sendo assim, pela rotulação abrangente, o critério de Mário Barreto fica comprometido.

Para Basilio, não se pode tomar fatores sintático-semânticos como base, para uma decisão de análise de regressivos, já que um grande número de nomes pode ter tanto uma interpretação verbal quanto uma interpretação nominal, dependendo do contexto (BASILIO, 1980:76):

a) João fugiu.

b) A fuga de João preocupou a todos (sentido verbal).

c) Pedro preparou a fuga de João (sentido nominal).

Na verdade, a idéia de um critério estritamente morfológico, para decidir a direcionalidade do processo de derivação regressiva, pela presença da vogal a, proposta de Basilio, mostra uma solução simples e econômica, mas deixa de lado aspectos importantes, não somente de caráter morfológico como de envolvimento sintático - semântico.

Pode-se agora partir para a discussão da proposta de Lobato.

LOBATO, 1988:9, encontra uma solução para o caso da direcionalidade dos regressivos, sugerindo que substantivo e verbo cognatos correspondem a um mesmo verbete lexical:

critc	criticar
	crítica

Reconhece-se a vantagem da proposta de Lobato, em primeiro lugar, por apresentar o radical independente das formas derivante e derivada, refletindo mais adequadamente o fato de o substantivo não ser derivado diretamente do verbo. Em segundo lugar, por fazer uso de um só verbete para substantivo e verbo cognatos, dispensa o uso de qualquer mecanismo para relacionar as duas formas. Em terceiro lugar, ainda por fazer uso de um só verbete para os pares em questão, consegue expressar o fato de que eles compartilham a mesma estrutura argumental.

No entanto, Lobato não fornece uma direção para a derivação regressiva e não distingue as formações sufixais dos regressivos, já que propõe um verbete lexical ao qual correspon-

dem verbo e substantivo. Por exemplo:

restaur	restaurar
	restauro
	restauração

Na proposta de Lobato, não se distingue **restauração** de **restauro**, apresentando-se lineares.

Lobato também não resolve a questão das vogais finais dos substantivos serem diferentes: a, e, o.

GAMARSKI, 1988:61-64 apresenta uma solução plausível para a questão da direcionalidade da derivação regressiva.

Observando o **córpus**,

fuga	fugir		
apoio	apoiar		
reajuste	reajustar	reajustamento	
trato	tratar	tratamento	
força	forçar		
almoço	almoçar		
flor	florear	floreamento	floreio
sombra	sombrear	sombreamento	
	ratear		rateio
música	musicar		
negócio	negociar	negociação	
	sair	saída	

Gamarski conclui que, por suas características sintático-semânticas, **flor** está para **sombra** e **música** assim como **fuga** está para **floreio** e **enleio**, o que se contrapõe à colocação de **fuga** e **almoço** em uma mesma subcategoria de nomes básicos igualmente formadores de verbos.

Nomes como **flor**, **sombra**, **música** só apresentam interpre-

tação nominal e **apoio, reajuste, trato** apresentam interpretação verbal e nominal, fato que leva a pressupor a existência de uma motivação para tal diferença, pois a listagem bastante extensa e recorrente afasta a possibilidade de se estar a tratar de ocorrências eventuais na língua.

Por exemplo, em:

- a) A fuga de prisioneiros era ação esperada pela população.
- b) *A sombra era ação dos que queriam descansar

fica estabelecida a diferença de interpretação verbal (fuga) e nominal (sombra) dos nomes, embora sejam correspondentes a verbos de ação.

Gamarski estabelece que a contraparte nominal de um verbo de ação, que só apresenta interpretação nominal, é uma forma básica, ao passo que a contraparte nominal de um verbo de ação, que apresenta interpretação nominal e verbal, é interpretada como um nome deverbal.

O córpus, anteriormente apresentado, seguindo o pensamento de Gamarski, assim se constitui:

N-V	V-N
força	fuga
almoço	apoio
flor	reajuste - reajustamento
sombra	trato - tratamento
música	floreio - floreamento
negócio	enleio - enleamento
	rateio
	negociação
	saída

Na busca de um padrão derivacinal regressivo geral, a imprevisibilidade para as vogais finais -a, -e, -o tem que ser admitida, ou seja, não há até o momento, explicação notável para a escolha das vogais na formação de substantivos.

Chama a atenção dos estudiosos dos processos derivacionais a comum ocorrência de verbos e nomes deverbais acompanhados de prefixos, enquanto o nome básico não o apresenta:

caderno	encadernar	encadernação
caixa	encaixar	encaixe
camisa	descamisar	descamisado
casca	descascar	descasque
curto	encurtar	encurtamento
dívida	endividar	endividamento
foco	enfocar	enfoque
fronte	confrontar	confronto
garrafa	engarrafar	engarrafamento
gordo	engordar	engorda
grosso	engrossar	engrossamento
jeito	ajeitar	
justo	ajustar	ajuste
mata	desmatar	desmatamento
pedra	apedrejar	

Os verbos citados são formados pelo processo de derivação parassintética: adiciona simultaneamente um prefixo e um sufixo a uma base. A presença do prefixo é explicada pela própria função que ele exerce, ou seja, alterar a significação lexical. Encadernar, por exemplo, significa 'formar caderno (s) com' (AURÉLIO). O prefixo en- indica passagem para um estado ou forma, já ao sufixo -ar cabe a função sintática, transformar um substantivo/adjetivo em verbo.

No caso de casca, o verbo nominalmente utilizado é des

cascar ('tirar a casca de'), mas o verbo **cascar** consta de AURÉLIO com um exemplo da literatura: "Tina cascou o queijo e trouxe ele espetado na faca" (ADÉLIA PRADO, Cacos para um Vitral, p.9). O interessante é que **cascar** não significa formar casca.

O verbo **camisar** não consta do AURÉLIO, somente há menção ao verbo **descamisar**. É comum utilizar:

Vesti a criança com camisa de lã calça de veluso.

Entretanto, é agramatical dizer:

Camisei de lã a criança.

O verbo **descamisar** tem semântica extensa, não significa apenas tirar a camisa (AURÉLIO), mas tem também o significado de fazer sofrer.

A derivação parassintética é o processo pelo qual se formam os verbos do **córpus** apresentado, pois o verbo **cascar**, apesar de constar do AURÉLIO, não tem uso corrente na linguagem cotidiana. Seria forçar uma regra se considerasse a direção **casca - cascar - descascar**. Pelos outros exemplos mencionados, fica evidente a direção obrigatória de uma derivação parassintética, mesmo porque o estudo que se realiza contempla o lado sincrônico da formação de palavras. No atual estágio da língua o verbo cascar não é usado.

Como se observa no **córpus**, os nomes **encadernação, encaixe, enfoque, ajuste** são deverbais, tanto que apresentam o prefixo do verbo correspondente.

É interessante observar que a produtividade lexical está intimamente relacionada à pragmática. A existência de nume-

rosos verbos parassintéticos, para expressar a intervenção do homem na natureza, é explicada pela pragmática. Ressalta-se que, aparentemente, os verbos a seguir relacionados são formados pelo mesmo processo derivacional:

desabrir
 descabelar
 descalçar
 descarnar
 descarçar
 desfavelar
 desfazer
 desfolhar
 desligar
 desmatar
 desmentir
 desmunhecar
 desossar
 depenar
 despetalar
 desratizar
 desvirginar

Os verbos **desabrir**, **descalçar**, **desfazer**, **desligar**, **desmentir** são formados por derivação prefixal, tanto que existem os verbos **abrir**, **calçar**, **fazer**, **ligar**, **mentir** (des- + abrir, des- + calçar, des- + fazer, des- + ligar, des- + mentir).

Os outros verbos são formados por derivação parassintética, pois não existe **carnar**, **carçar**, **favelar**, **ossar**, **penar**. Houve, no caso, o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo a uma base substantiva: des- + carne + -ar, des- + caroço + -ar, des- + favela + -ar, des- + osso + -ar, des- + pena + -ar.

Os usuários do código lingüístico não sentem a necessidade de expressar determinados fenômenos como formar ossos ou

carne por meio de um signo lingüístico verbal.

SANDMANN, 1991:48 explicita:

*A formação, por processo parassintético, de depenar, desossar e descarnar e a não-formação das possíveis bases correspondentes (*pensar, *ossar e *canar) se devem portanto, a fatores pragmáticos, isto é, a disposição do universo biofísicos social. De muitas formações se pode dizer que necessitariam de um contexto situacional para se legitimarem.*

Há outros exemplos em que fatores pragmáticos influíram na formação ou não-formação de palavras no português.

Os adjetivos em **-udo** são bastante comuns para designar partes do corpo humano com dimensões exageradas:

barriga	barrigudo
braço	braçudo
nariz	narigudo
orelha	orelhudo
pé	pezudo

A formação de **dedudo**, por razões pragmáticas, parece ser pouco provável. Já se tem **dedão**.

Ouve-se com freqüência as formações:

caspento
piolhento
pulguento
sarnento

Mas não se encontra **percevejento**, **ouricento** e **carrapantento**. A explicação é pragmática, pois o **percevejo**, o **ouriço**

e o carrapato não são tão freqüentes à cultura urbana com condições de higiene.

Os verbos *frevar*, *sambar*, *tangar* e *valsar* são familiares. Entretanto *afrar*, *bolerar*, *mambar*, *rockar*, *rumbar* são estranho, talvez por não ser comum a formação de verbos a partir de ritmos musicais. Costuma-se dizer 'dançar bolero' e não *bol*lerar. A explicação para essas não-formações é de ordem pragmática. Os falantes não manifestaram a necessidade de formar um signo lingüístico verbal para expressar a ação de dançar determinado ritmo musical.

Formações do tipo *camelar*, *galinha* e *peixar* têm sido encontradas com freqüência na linguagem oral. Partem dos animais *camelo*, *galinha* e *peixe*, mas por questão de deriva semântica alargam sua significação. *Camelar* significa andar devagar; *galinhar*, paquerar bastante e *peixar*, desenvolver a *psicultura*. Por contingência de cultura os verbos **gansar*, **minhocar*, **por*car ainda não são usados.

Retomando a derivação parassintética, nota-se que são formações produtivas a adição simultânea de um prefixo e um sufixo a um substantivo, transformando-o em adjetivo:

abolerado (FOLHA S.P., 03.03.90:p.A-2)

acebolado (linguagem oral)

achocolatado (de rótulo)

açucarado (linguagem oral)

amanteigado (de rótulo)

apijamado (FOLHA S.P., 18.05.90:p.A-2)

apresentado (de rótulo)

descamisado (FOLHA S.P., 07.05.90:p.A-2)

descuecado (FOLHA S.P., 07.05.90:p.A-2)

destramelado (FOLHA S.P., 10.01.90:p.B-2).

Dentro da direção obrigatória, registram-se as direções proibidas dos processos derivacionais, ou seja, as direções que o sistema considera inaceitáveis.

O português não forma verbos com prefixo **in-**: ***indestruir, *insofrer, *insolucionar.**

A explicação para formações do tipo:

inabilitar

incapacitar

ilegalizar

inutilizar

inviabilizar

é a derivação por sufixação a partir de adjetivos.

Em **inabilitar**, houve a sufixação de **inâbil**. Prova disso é o significado de **inabilitar**: 'tornar inâbel' (AURÉLIO) e não 'não habilitar'. No caso de **ilegalizar, inutilizar e inviabilizar**, adiciona-se o sufixo **-izar** aos adjetivos **ilegal, inútil e inviável**.

Outro exemplo é **desgostoso**, em que ocorre prefixação seguida de sufixação (**gosto - desgosto - desgostoso**), pois a semântica de **desgostoso** é 'que tem desgosto' e não 'não-gostoso'.

4.2.1.1 - Os Prefixos de Negação des- e in-

Os prefixos **des-** e **in-** fornecem idéia de negação às bases com que se combinam. Entretanto, envolvem tipos de bases diferenciados, que fazem com que cada um deles seja produtivo numa direção.

O prefixo **des-** atribui um tipo de negação a um tipo de base, enquanto o prefixo **in-** atribui outra interpretação a outro tipo de base.

O prefixo **des-** mostra-se bastante produtivo combinado com verbos de base nominal ou verbal, em que se pode atribuir sentido de indicação de uma inversão de direção, uma negação contrária:

desanuviar

desdolarizar

desindexar

desinflacionar

desmotivar

Quando unidos a adjetivos, os prefixos **des-** e **in-** indicam negação simples:

desigual

indócil

desleal

infeliz

desonesto

inseguro

Conseqüentemente, combinam-se com nomes ou verbos derivados de adjetivos:

desigualdade

infelicidade

deslealdade

impureza

desatualizar inutilizar

Com o sentido de 'desprovido de', **des-** combina-se com adjetivos cuja forma reproduz a dos participípios em **-do**: **desafiado, desinibido, descomunado, desligado.**

A produtividade de **des-** e **in-** está relacionada com o tipo de base com que operam: com o sentido de negação simples são produtivos em adjetivos.

Des- mostra-se produtivo com bases verbais e com nomes deverbais, com semântica de negação contrária:

descontração

desinformação

desmoralização

Apesar do prefixo **des-** ser incompatível com bases que não apresentem as características citadas, anotou-se **desserviço** (FOLHA S.P., 09.09.90, Revista d'). Enquanto considera-se agramatical ***desnegócio, *desforça, *dessedede.**

Há nomes com interpretação verbal e nominal e não sufixais que se comportam com os verbos e os deverbais sufixais, indicando negação contrária a uma ação ou a um estado quando introduzido o **des-**:

descontrole

desestímulo

desincentivo

desempate

desembarque

Por analogia a deverbais como **desinteresse**, a adição de

des- a nomes básicos assume a interpretação nominal de estado:

desamor

desafeto

descaso

despudor

desventura

Porém, **des-** é prefixo que se mostra produtivo com bases que refletem características de verbos.

Com nomes deverbais, **in-** indica negação simples:

inconveniência

indeferimento

indeterminação

impotência

insatisfação

irrelevância

O prefixo negativo **in-** tem as seguintes formas ortográficas: **i-**, **in-**, **im-**, **ir-**, dependentes do contexto em que ocorrem. Por exemplo no contexto **p**, **b**, a forma ortográfica do prefixo **in-** será **im-**, impossível.

Utilizando o AURÉLIO e o *cópus* fornecido por SANDMANN, 1988a:21, observa-se que o prefixo negativo **in-** raramente ocorre diante de verbos, de palavras dinâmicas e de palavras de sentido negativo.

Pode-se lançar a hipótese de que os verbos que apresentam o prefixo **in-** são derivados de nomes. Indeferir, por exemplo, é derivado de **indeferido** (**in-**+ **deferido**), **inexistir** pro-

vêm de **inexistente**.

Os nomes de ação também parecem rejeitar o sufixo negativo in-: ***impercepção**, ***imanifestação**, ***inobsessão**, ***infaturamento**. Já os adjetivos são mais flexíveis para a aceitação do prefixo negativo **in-** quando apresentam o sufixo **-vel**:

incapacitável

incontável

inefável

impercebível

imperturbável

imponderável

Porém, se o adjetivo possui base negativa, o prefixo negativo in- é refutado: ***indegenerado**, ***inviciado**, ***inviolento** (SANDMANN, 1988b:119).

4.2.1.2 - O prefixo re-

O estudo do prefixo **re-** restringir-se-á ao significado de "repetição", já que constitui um processo produtivo de formação de palavras e, com esta semântica, unido a uma base eminentemente verbal, apresenta uma redundância morfológica.

A adição do **re-** a uma base oferece a noção de repetição da ação verbal:

reassumir

recobrir

reconciliar

reconstruir
reencontrar
reexaminar

O mecanismo de acréscimo do prefixo re- é também utilizado para produzir novas palavras e possui grande aplicabilidade na língua portuguesa. É acrescentado a verbos para indicar repetição de ação ou processo:

reindexar
retelevisonar
rexerocar

A intenção do falante ao adicionar o prefixo re- a um verbo é de iniciar novamente uma ação executada antes. Portanto, é condição para o acréscimo de re- a possibilidade de refazer determinada ação ou processo.

Sendo um prefixo eminentemente verbal, é incompatível com bases que não apresentem interpretação verbal, sejam elas básicas ou derivadas:

realmoço*
reforça*
reproblema*

Os exemplos citados não apresentam as características com as quais o prefixo seria compatível, não sendo aceitas as formas resultantes.

Há casos em que o verbo é plenamente aceitável quando recebe o prefixo re-, mas o nome não:

reforçar	*força
remusicar	*música
renegociar	*renegócio

Reitera-se assim que o re- se une a nomes portadores de interpretação verbal ou a verbos.

Verifica-se nos exemplos, a seguir listados, que o prefixo re- é produtivo com formas nominais, interpretadas como de ação ou processo, que contêm ou não sufixos:

reataque
reauxílio
reinício

reagrupamento
reavaliação
renegociação

Nota-se que essas formas se comportam como os verbos e satisfazem as condições exigidas para a aplicação do prefixo.

Pode-se afirmar que, no processo de formação de palavras, o prefixo re- mostra-se produtivo apenas com bases que refletem características de verbos e apresentam interpretação verbal, além de nominal.

Partindo-se do còrpus:

baixo	rebaixar	rebaixe	*baixe
força	reforçar	reforço	*forço

constata-se que os verbos são denominais, derivados pelo processo de parassíntese e que as bases nominais de que derivaram os verbos são distintas das bases nominais deverbais, tanto que estas não possuem existência independente na língua por sua constituição morfológica.

Assim, reitera-se a distinção entre nomes básicos e de-

rivados regressivos, por argumentos morfológicos, e estabelece-se uma direção obrigatória e inequívoca para o processo morfológico envolvido na formação de nomes e verbos com prefixo eminentemente verbal.

É importante mencionar que o próprio AURÉLIO apresenta de forma incorreta o processo de derivação ocorrido em reconforto: diz que é fruto de prefixação (re- + conforto = reconforto). Pelo explicitado anteriormente, reconforto é formado por uma derivação deverbal regressiva (reconfortar - reconforto), tanto que possui interpretação verbal.

4.2.1.3 - Os Sufixos -ção e -mento

Os sufixos -ção e -mento são bastante produtivos na língua portuguesa. Os gramáticos (Napoleão Mendes de Almeida, Bechara, Cegalla, Cunha, Rocha Lima) os definem como 'sufixos que formam substantivos significando ação e resultado de ação'.

Apesar de serem sufixos de igual função, encontram-se, de acordo com o cópus a seguir registrado, formas paralelas do mesmo verbo. Mas, às vezes, por restrição das regras de formação de palavras, por bloqueio, se já existe uma forma fundida, ou por questões de eufonia um dos sufixos é preferido.

acasalação (A)	acasalamento (A)
achincalhação (A)	achincalhamento (A)
afinação (A)	afinamento (A)
apanhação (A)	apanhamento (A)

avacalhação (A)	avacalhamento (A)
avaliação (A)	*avaliamento
chateação (A)	*chateamento
clareação (A)	clareamento
*congestionaçã	congestionamento (A)
debilitação (A)	debilitamento (A)
desfiguração (A)	desfiguramento
*desmascaração	desmascaramento (A)
*ensalação	ensalamento
formigaçã	formigamento (A)
inchação (A)	inchamento (A)
*infeccionaçã	infeccionamento
internação (A)	internamento (A)
medicação (A)	medicamento (A)
musculaçã	*musculamento
pichação (A)	pichamento (A)
regulaçã	regulamento (A)
*tombaçã	tomabamento (A)
*trancaçã	trancamento (A)
salvaçã (A)	salvamento (A)

As palavras marcadas com (A) constam do AURÉLIO, as com asterisco * são consideradas agramaticais e as outras são aceitas pelos falantes, embora não estejam registradas no dicionário, conforme teste realizado por SANDMANN, 1991:99.

BASILIO, 1980:9 observa que:

*... não acreditamos *divulgamento em português não por causa de alguma restrição à combinação dos elementos divul- e -mento, mas porque o conheci*

mento de que a forma nominalizada de divulgar é divulgação faz parte da competência lexical dos falantes de português.*

Entretanto, o *córpus* apresentado registra a aceitação de, por exemplo, *acasalação - acasalmento, clareação - clareamento, desfiguração - desfiguramento*, contrariando, em parte, a posição de Basílio. Esses pares convivem lado a lado na língua como sinônimos.

A tese de que uma palavra é bloqueada por já existir na língua uma palavra para exercer a função que a palavra a ser formada exerceria também se confirma com os exemplos: *chateação - *chateamento, *infeccionação - infeccionamento*.

No teste realizado por Sandmann, nota-se que *acasalação, inchamento e pichamento* foram considerados inaceitáveis ou estranhos por expressivo número de falantes, enquanto seus pares foram plenamente aceitos, reiterando a tese do bloqueio.

Observa-se que *ensalamento* parece estranho aos *catarienses*, assim como **ensalação*. *Ensalamamento* não se encontra no *AURÉLIO*, mas é comumente reconhecido pelos *paranaenses*.

Pode-se explicar o surgimento de algumas palavras a partir da deriva semântica. Por exemplo, *regulação* formou-se após *regulamento* passar a significar 'o conjunto de regras' e não somente 'ato de regular'. *Regulamento* passou a significar mais o resultado do que a causa. Surgiu então *regulação* significando 'ato de regular'. O mesmo acontece com *medicação - medicamento, salvação - salvamento, inchação - inchamento, internação - internamento*, onde o alargamento do significado de uma unidade

lexical desbloqueou a formação de outra palavra com sufixo de igual função. Menciona-se ainda **encanar - encanamento, estacionar - estacionamento e tubular - tubulamento**, em que os derivados passaram, por deriva semântica, a apresentar um conteúdo estático. **Estacionamento** não é mais 'ato de estacionar', mas 'local para estacionar'.

Às vezes, por questão eufônica, dá-se preferência a uma forma, como é o caso de **direcionamento, posicionamento** e não ***direcionamento e *posicionação**. Por restrição morfológica evita-se a repetição do **-ção**, modificado na base para **-cion**.

Quanto à direcionalidade, não é fácil estabelecer uma direção obrigatória para os sufixos **-ção** e **-mento**. Seria inadequado afirmar que as formações em **-mento** são as primeiras por que **-mento** é masculino, gênero de caráter mais abrangente. Tanto que existe **musculação** e não se admite ***musculamento**.

O sufixo **-mento** ocorre normalmente depois de verbos terminados em **-ecer** e depois de verbos formados por derivação parassintética:

abastecer	abastecimento
aquecer	aquecimento
estremecer	estremecimento
aleitar	aleitamento
encaminhar	encaminhamento
endireitar	endireitamento

Fica evidente a direção obrigatória da formação de palavras com o sufixo **-ção** quando se deriva de radical com **t** e se deriva do verbo **ter**:

isento	isenção
exceto	exceção
indiscreto	indiscrição
abster(-se)	abstenção
ater(-se)	atenção
deter	detenção
reter	retenção

Nota-se também que os verbos terminados em **-izar** formam derivados em **-ção**:

desincompatibilizar	desincompatibilização
elitizar	elitização
viabilizar	viabilização

Cita-se como exceção à regra o verbo **enraizar** que formou **enraizamento**.

A direção obrigatória no caso dos sufixos **-ção** e **-mento** depende da competência lexical dos falantes de português nomear a forma mais usada. Por exemplo, em **avacalhão** - **avacalhamento**, a primeira formação é muito mais recorrente na língua e, por isso, considera-se anterior a seu par.

Ratifica essa hipótese a formação derivada regressiva de **embarque** que encontra-se registrado no AURÉLIO, mas é rejeitável porque não está em uso: **embarcamento**.

4.2.1.4 - Salto de Etapa

Na formação de palavras novas do português é observado que, em muitos casos, existe a ausência de um processo deriva

cional. A esse fenômeno dá-se o nome de salto de etapa.

Em **músculo - musculação**, tem-se uma derivação sufixal, com formação de um nome de ação, sendo que o verbo **muscular** não existe.

Os verbos **iraquizar** e **libanizar** não foram formados, mas se registrou **iraquização** (FOLHA S.P., 01.10.90:p.A-10) e **libanização** (FOLHA S.P., 01.10.90:p.A-10).

Há casos em que se observa o salto de mais de uma etapa, como, por exemplo, em:

a) **desconteudizado** (FOLHA S.P., 29.07.90:p.E-3) saltou duas etapas: **conteúdo - conteudizar, conteudizar - desconteu*di*zar**, para chegar a **desconteudizar - desconteudizado**;

b) **desnazificação** (FOLHA S.P., 21.07.90:p.A-3) se formou sem se registrar **nazificar, desnazificar** ou **nazificação**.

Constam do AURÉLIO os derivados **insuspeição - insuspeitado - insuspeito**, porém o verbo **insuspeitar** não é citado.

Comprova-se também o salto de etapa nos exemplos: **ensalamento, especiação, favelização, filamento, sexualização, vigamento, verticalização**.

O salto de etapa faz parte dos processos de formação de palavras por derivação, sendo a pragmática normalmente responsável pela ausência de uma unidade lexical. Os falantes do português não sentiram a necessidade funcional do verbo **favelar**, por isso não o utilizam. Mas, para o reconhecimento da direcionalidade do processo de derivação, o verbo **favelar** apare-

ce sem causar estranheza ao falante porque faz parte de sua competência linguística que **favelização** é um substantivo derivado de verbo por apresentar conteúdo dinâmico. Embora o verbo não dê origem a um signo linguístico verbal, faz parte da competência lexical dos falantes do português.

4.2.1.5 - Formação Analógica

A analogia é um fenômeno isolado, explicável mas não sistemático, como as formações lexicais que são produto de modelos ou regras de formação de palavras.

Um exemplo de formação analógica é a palavra **sim**. A nasalidade de **sim**, inicialmente **si**, se deve à associação com a palavra **não**, a que **sim** está ligada morfológica, sintática e semanticamente. Não se poderia daqui formar uma regra produtiva de formação de palavras.

Diferente é o caso de formações de substantivos deverbiais em **-ção** e **-mento**, produzidas por regras muito produtivas em português.

Já as formações de **videasta** a partir de **cinasta** e de **danceteria**, associada à **cafeteria** são consideradas analógicas por não se tratarem de modelos produtivos em português. O mesmo aconteceu com **boataria** (FOLHA S.P., 07.02.90:p.A-6) que se formou por analogia à **baixaria**.

Na época de eleições, constatam-se formações analógicas do tipo: **presidenciável**, **ministeriável**, **prefeiturável**, **secreta**

riável, reitorável, surgidas de colunável.

Nas últimas campanhas eleitorais, tem-se observado formações com o significado de 'manifestação com determinado veículo', partindo-se de passeata: **carreata, bicicleta, tratorada, barcada, motocada, carroçada.**

Verifica-se, nos movimentos grevistas, a formação de palavras com o sufixo **-aço**, no sentido de 'manifestação ruidosa': **apitação, buzinaço, panelaço.**

As formações com o sufixo **-ata** e o com o sufixo **-aço**, parecem mais formações analógicas do que um modelo produtivo, pois a semântica apresentada nos dois casos é de uso específico de campanhas eleitorais e movimentos grevistas.

Contrários a esses sufixos são **-ista** e **-ódromo**, que apresentam modelos produtivos de formação de palavras: **malufista, brizolista, tancredista, grandista, pedessista, pedetista, petista, peemedebista; caipiródromo** (FOLHA S.P., 13.04.92:p. A-3), **trepódromo, fumódromo, cartódromo, camelódromo, forródro**mo.

As formações analógicas surgem de uma palavra e não de acordo com um modelo ou regra produtiva.

4.2.2 - Direção Preferencial

No estudo de formação de palavras por derivação, observa-se que há, em muitos casos, preferência por um processo derivacional.

Este item limitar-se-á a estudar a formação de adjetivos com prefixo in- e sufixo -vel.

A formação imexível, do ex-ministro Antônio Rogério Magri, causou polêmica aos estudiosos da língua portuguesa, visto ser mexer um verbo dinâmico e, como se discutiu anteriormente, o prefixo in- raramente ocorre diante de verbos, de palavras dinâmicas e de palavras de sentido negativo.

Entretanto, pelo cópus a seguir apresentado, nota-se que formações de adjetivos com prefixo in- e sufixo -vel parecem bastante produtivas no estágio atual da língua:

imarajável (TV)

imbatível (A)

imbebível (linguagem oral)

impecável (A)

impossível (A)

imprestável (A)

imprevisível (A)

imprivatizável (TV)

improvável (A)

inatacável (A)

incanável (TV)

incansável (A)

incarável (A)

incivilizável (TV)

incomprável (FOLHA S.P., 11.09.90)

inconfessável (A)

inconsolável (A)

indefensível (A)

indesmentível (A)

indevassável (A)

indiscutível (A)

indevassável (A)

inescondível (FOLHA S.P., 06.06.90)

inesquecível (A)

inevitável (A)

inexpugnável (FOLHA S.P., 16.09.90)

infalível (A)

infatigável (A)

infindável (A)

infumável (A)

injustificável (A)

inocultável (A)

inoxidável (A)

irrecuperável (A)

irregistrável (A)

inseparável (A)

insofismável (A)

insubstituível (A)

insuspeitável (A)

intocável (A)

intorcível (A)

intolerável (A)

intomável (A)

intragável (A)

inviável (A)

invencível (A)

inundável (A)

O (A) posterior aos exemplos significa que a palavra consta do AURÉLIO.

É importante observar que os exemplos citados privilegiam o processo de derivação parassintética, pois inconsolável, indiscutível, infumável, intocável, intragável, invencível são muito mais recorrentes na língua oral e na língua escrita do

que consolável, discutível, fumável, tocável, traçável, vencível.

Admite-se que de vencer pode ser formado vencível (vencer + -vel), por sufixação, e que, por prefixação, pode ser formado invencível (in- + vencível). Mas como invencível é mais usado pelos falantes do português, sugere-se a formação por derivação parassintética: in- + vencer + -vel.

Reiteram essa direção preferencial os seguintes registros:

a) consta do AURÉLIO a formação imbatível a partir de derivação parassintética, mas não se encontra batível;

b) apesar de torcível fazer parte do AURÉLIO, em intorcível a formação é parassintética de acordo com o dicionário (in- + torcer + -vel);

c) as formações novas incomprável (FOLHA S.P., 11.09.90), inescondível (FOLHA S.P., 06.06.90), incanável (deputada Cidinha Campos em programa de TV), imprivatizável (ex-Ministro João Santana em entrevista a jornal de TV), imarajável (Jô Soares em programa de TV) não são mencionadas no AURÉLIO e as palavras que poderiam servir de bases para essas formações (comparável, escondível, canável, privatizável, marajável) também não são encontradas no dicionário;

d) o AURÉLIO, para algumas formações como impecável e infatigável, diz que são originárias do latim *impeccabile* e *infatigabile*, mostrando mais uma vez sua incoerência quanto ao estabelecimento de um critério - diacrônico ou sincrônico - para analisar as palavras.

No caso de possível e impossível, não se discute que a derivação por prefixação é direção obrigatória, porque as duas formas são de uso corrente na língua.

Voltando a imexível, considera-se óbvio que a derivação é parassintética (in- + mexer + -vel), pois não se registrou mexível nem na fala e nem na escrita.

Afirma-se então que a formação de adjetivos com prefixo in- e sufixo -vel a partir de verbos tem como direção preferencial a derivação parassintética.

4.2.3 - Direção Facultativa

Quando a formação de uma palavra pode ser explicada por mais de uma direção de processos derivacionais, diz-se que a direcionalidade é facultativa.

Os exemplos a seguir arrolados demonstram que uma palavra pode ser formada por prefixação (des- + abastecimento) ou por sufixação (desabastecer + -mento), como desabastecimento.

desabastecimento

abastecer - **desabastecer** - **desabastecimento**

abastecer - **abastecimento** - **desabastecimento**

descentralização

centralizar - **descentralizar** - **descentralização**

centralizar - **centralização** - **descentralização**

descongelamento

congelar - **descongelar** - **descongelamento**

congelar - **congelamento** - **descongelamento**

desestatizante

estatizar - desestatizar - desestatizante

estatizar - estatizante - desestatizante

desincompatibilização

compatibilizar - incompatibilizar - desincompatibilizar
- desincompatibilização

compatibilizar - compatibilização - incompatibilização
- desincompatibilização

desindustrialização

industrializar - desindustrializar - desindustrialização

industrializar - industrialização - desindustrialização

desinvestimento

investir - desinvestir - desinvestimento

investir - investimento - desinvestimento

desmascaramento

mascarar - desmascarar - desmascaramento

mascarar - mascaramento - desmascaramento

desregulamentação

regular - regulamento - regulamentar - desregulamentar
- desregulamentação

regular - regulamento - regulamentar - regulamentação
- desregulamentação

destombamento

tombar - destombar - destombamento

tombar - tombamento - destombamento

desvalorização

valorizar - desvalorizar - desvalorização

valorizar - valorização - desvalorização

insensatez

insensato - insensatez

sensatez - insensatez

reescalonamento

escalonar - reescalonar - reescalonamento

escalonar - escalonamento - reescalonamento

repovoamento

povoar - repovoar - repovamento

povoar - povoamento - repovoamento

ressurgimento

surgir - ressurgir - ressurgimento

surgir - surgimento - ressurgimento

Como são produtivos os processos derivacionais que unem prefixos in- ou des- e sufixos -ção e -mento à mesma base é de se admitir um salto de etapa nas formações desse tipo e de se prever mais uma direção facultativa para essas formações, ou seja, uma derivação parassintética especial. Exemplifica-se com descongelamento, em que ocorre uma prefixação (des- + congelamento) ou uma sufixação (descongelar + -mento). Mas também é aceitável explicar a formação descongelamento por acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo, visto ser modelo recorrente no estágio atual da língua portuguesa.

5. C O NCLUSÃO

O estudo da direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação permite afirmar que a morfologia derivacional constitui uma área de investigações promissoras com o advento da hipótese lexicalista, que separa o estudo do léxico do estudo da sintaxe.

Nas gramáticas tradicionais normativas, ainda hoje, os processos de formação de palavras por derivação são superficialmente estudados. Os processos de formação de palavras por derivação, nessas gramáticas, são tratados apenas pelo lado da caracterização de classes de palavras ou categorias lexicais. Os gramáticos não demonstram preocupação em estudar as formações novas na língua, limitam-se a apresentar formações já existentes no léxico.

Contrariando os gramáticos e alguns lingüistas, acredita-se que o feminino de substantivos é sufixo derivacional e não sufixo flexional, porque a opção pelo gênero é anterior à frase. Já nos adjetivos o morfema de gênero é uma flexão, sendo dependente do gênero do substantivo com que concorda. O morfema que indica o gênero nos substantivos pertence à estrutura profunda da sentença, portanto, é sufixo derivacional. O morfema de gênero nos adjetivos é inserido na frase em sua estrutura de superfície, o que caracteriza a flexão.

A abordagem sincrônica dos processos de formação de palavras por derivação tem sido privilegiada pelos lingüistas com

temporâneos, permitindo que se organize uma gramática descritiva da língua portuguesa, desprovida de normatividade.

É importante que se realize a opção pela seqüência diacrônica ou pela seqüência sincrônica, quando da realização de estudo ou pesquisa, para se evitar incoerências, como as identificadas no AURÉLIO, no estabelecimento da direcionalidade de formação de palavras por processos derivacionais.

Observa-se no estudo da derivação as divergências de teorias, por exemplo, no tocante aos sufixos, considerados pelos gramáticos elementos desprovidos de significado, enquanto os lingüistas provam o contrário.

As diferenças de perspectivas teóricas, no campo de formação de palavras, exige que o estudioso se defina por uma delas para desenvolver sua análise.

As generalizações das regras de formação de palavras oferecidas por autores como Chomsky, Lobato, Basílio não são suficientes para explicar as criações no léxico. Por exemplo, segundo a teoria de Basílio, a palavra peixe deriva do verbo peixar. Admitir essa derivação é violentar os fatos que ocorrem para a formação de palavras. O léxico, em muitos casos, não permite a generalização de regras de formação de palavras.

Para se definir a direcionalidade da formação de uma palavra por processo derivacional, é necessário que os fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos estejam presentes, evitando, assim, a indicação de uma direção errônea, por se realizar análise superficial.

A inovação de se apresentar três direções para a formação de palavras por processos derivacionais fornece solução para alguns problemas da gramática, relacionados à derivação.

À direção obrigatória pertencem as formações de palavras por derivação que seguem apenas uma direção.

A direção obrigatória da derivação regressiva torna-se inquestionável com a proposta de Gamarski, em que a contraparte nominal de um verbo de ação, que só apresenta interpretação nominal, é uma forma básica, ao passo que a contraparte nominal de um verbo de ação que apresenta interpretação nominal e verbal é um nome deverbal. Fica assim estabelecida a diferença entre flor (forma básica) e fuga (nome deverbal).

Observa-se no estudo da direção obrigatória o quanto são produtivos os processos derivacionais parassintéticos, os processos derivacionais prefixais (des-, in-, re-) e os processos derivacionais sufixais (-ção e -mento).

No estudo da formação de palavras por processos derivacionais, nota-se que a derivação parassintética é a direção preferencial dos adjetivos com prefixo in- e sufixo -vel.

A direção facultativa é oferecida para formações de palavras que unem prefixo in- ou des- e sufixos -ção e -mento à mesma base, ou seja, tanto se pode dizer que houve uma prefixação (des- + congelamento) ou uma sufixação (descongelar + -mento). Sugere-se ainda uma terceira direção facultativa: a derivação parassintética especial. Apesar de existir o verbo congelar e o verbo descongelar, prefixo e sufixo são simultaneamente acrescentados ao verbo congelar (des- + congelar + mento).

Essa direção é aceitável porque os prefixos e sufixos mencionados apresentam-se como modelo recorrente no estágio atual da língua portuguesa.

A direcionalidade dos processos de formação de palavras por derivação oferece matéria para investigações futuras, contribuindo para os avanços da morfologia derivacional e, conseqüentemente, da lingüística.

Sugere-se para tema de outros estudos o aprofundamento da diferença entre flexão e derivação; a lexicalização de palavras do português; a formação de palavras e a política; a identificação dos prefixos e sufixos mais produtivos no estágio atual do português brasileiro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N.M. 1960. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. São Paulo, Saraiva.
- ARONOFF, M. 1976. Word Formation in Generative Grammar. Cambridge, Mass., MIT Press.
- BASILIO, M. 1980. Estruturas Lexicais do Português: uma Abordagem Gerativa. Petrópolis, Vozes.
- _____. 1986. A Função Semântica na Substantivação de Adjetivos. In: D.E.L.T.A., V.2, n.1, p.37-55.
- _____. 1987. Teoria Lexical. São Paulo, Ática.
- BAVER, L. 1983. English Word-Formation. Cambridge University Press.
- BECHARA, E. 1969. Moderna Gramática Portuguesa. São Paulo, Nacional.
- CABRAL, L.S. 1985. Introdução à Lingüística. Porto Alegre, Rio de Janeiro, Globo.
- CEGALLA, D.P. 1980. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Nacional.

- CHOMSKY, N.A. 1957. Syntactic Structures. Haia, Mouton.
- _____. 1965. Aspectos of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass., The MIT Press.
- _____. 1970. Remarks on Nominalization. In: Roderick Jacobs e Peter Rosebaum (eds). reading in transformational Grammar. Waltham, Mass., Gin & Co., p.184-221.
- COSERIU, E. 1979. Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística. (Trad. de: Sincronía, diacronía y historia: et problema del cambio lingüístico.), Rio de Janeiro, Presença; São Paulo, Editora da USP.
- COUTINHO, I. de L. 1976. Gramática Histórica. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.L. 1985. Novra Gramática de Português Contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DUBOIS, J. et alii. 1988. Dicionário de Lingüística. (Trad. de: Dictionnaire de Linguistique), São Paulo, Cultrix.
- FERREIRA, A. B. de H. 1986. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREITAS, H.R. de. 1981. Princípios de Morfologia. Rio de Janeiro, Presença.
- GAMARSKI, L. 1988. A Derivação Regressiva: um estudo da produtividade lexical em português. Goiânia, CEGRAF/UFG.
- JACKENDOFF, R. 1975. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. Language, Baltimore, Waverly Press, 51: 639-671.

- KEHDI, V. 1992. Formação de Palavras em Português. São Paulo, Série Princípios, Ática.
- KOCH, I. V. & SILVA, M. C. P. de S. 1986 . Linguística Aplicada ao Português: Morfologia. São Paulo, Cortez.
- LOBATO, L. M. P. 1986. Sintaxe Gerativa do Português da Teoria da Regência e Ligação. Belo Horizonte, Vigília.
- _____. 1987. A Derivação Regressiva em Português. Conceituação e Tratamento Gerativo. Inédito.
- LUFT, C. P. 1985. Moderna Gramática Brasileira. Rio de Janeiro, Globo.
- LYONS, J. 1979. Introdução à Linguística Teórica. (Trad. de: Introduction to Theoretical Linguistics). São Paulo, Nacional, e Editora da USP.
- _____. 1987. Linguagem e Linguística: uma Introdução. (Trad. de: Language and Linguistics), Rio de Janeiro, Guanabara.
- MATTHEWS, P.H. 1982. Morphology - and introduction to the theory of word-structure. Cambridge, University Press.
- MATTOSO CARAMA JR., J. 1970. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis, Vozes.
- _____. 1971. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis, Vozes.
- _____. 1971. Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes.

- _____. 1979. História e Estrutura da Língua Portuguesa
Rio de Janeiro, Padrão.
- PAIS, C. T. et alii. 1986. Manual de Lingüística. São Paulo,
Global.
- PERINI, M.A. 1985. A Gramática Gerativa; Introdução ao Estu-
do de Sintaxe Portuguesa. Belo Horizonte, Vigília.
- ROBINS, R. H. 1981. Linguística Geral. (Trad. de: General
Linguistics - an introductory survey), Porto Alegre, Rio de
Janeiro, Globo.
- ROCHA LIMA, C. H. da. 1972. Gramática Normativa da Língua
Portuguesa. Rio de Janeiro, José Olympio.
- SAID ALI, M. 1971. Gramática Histórica da Língua Portuguesa.
Rio de Janeiro, Melhoramentos.
- SANDMANN, A. J. 1988a. Formação de Palavras no Português
Brasileiro Contemporâneo. Curitiba, Scientia et Labor:ícone.
- _____. 1988b. Formação de Palavras: Produtividade, Res-
trições e Bloqueio. Curitiba, Inédito.
- _____. 1991a. Morfologia Geral. São Paulo, Contexto.
- _____. 1991b. Competência Lexical: produtividade, res-
trições e bloqueio. Curitiba, Ed. da UFPR.
- _____. 1992. Morfologia Lexical. No Prelo.
- SAUSSURE, F. de. 1969. Curso de Lingüística Geral. (Trad.de:
Cours de Linguistique Générale), São Paulo, Cultrix.

SILVA, C. 1978. Gramática Transformacional: uma Visão Global. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

ZIMMER, K. E. 1964. Affixal Negation in English and Other Languages. Suplemento de Word 20.

JORNAIS E REVISTAS PESQUISADOS DESDE 1989

- . Diário Catarinense.
- . Folha de São Paulo.
- . Isto É Senhor.
- . Jornal do Brasil.
- . O Estado.
- . O Estado de São Paulo.
- . Veja.